

## APRESENTAÇÃO EMERÊNCIA DO PROFESSOR CARLOS AGUIAR DE MEDEIROS (IE-UFRJ)

Franklin Serrano , IE-UFRJ 24.04.2023

Eu começo cumprimentando a UFRJ, o CCJE e o IE representados aqui pelos excelentíssimos Reitor em exercício, Decano em exercício e Diretor, respectivamente pela excelente decisão de outorgar o título de Professor Emérito ao Professor Carlos Aguiar de Medeiros.

E agradeço ao próprio Medeiros por ter me escolhido como orador. Para mim é uma grande honra para fazer esta apresentação.

Eu sou muito suspeito para falar sobre o Medeiros como pessoa, pois sou seu amigo há décadas e o considero um irmão, um pouco mais velho e muito mais sensato, que sempre esteve presente para me apoiar mesmo em alguns dos momentos mais difíceis da minha vida.

Mas creio que sou qualificado para falar sobre seu trabalho por ser seu colega e parceiro de trabalho desde meados dos anos 1990 quando nós dois voltamos do doutorado (ele na Unicamp) e fundamos, junto com o professor José Carlos Fiori , o grupo de pesquisa em economia política do Instituto de Economia da UFRJ (IE-UFRJ).

Medeiros é simplesmente o melhor economista do desenvolvimento em atividade no Brasil hoje. Ele combina o que tem de melhor das tradições de Economia Política da antiga engenharia de produção da COPPE-UFRJ (onde fez mestrado) com a da UNICAMP (onde fez doutorado completado em 1993) e com o antigo Instituto de Economia Industrial (IEI agora IE-UFRJ).

Medeiros tem uma coisa rara hoje em dia, que é uma obra. Uma obra no sentido de que sua produção acadêmica reflete uma metodologia e um programa de pesquisa pessoal que foi evoluindo ao longo do tempo e incorporando novos temas e interpretações, mas que tem uma coerência básica de sua visão da economia política aplicada. Isto é cada vez menos comum nesta era de hiperespecialização e tendência a modismos intelectuais e ecletismo. Esta obra é muito ampla e não faz sentido tirar tempo de sua fala aqui com detalhes dela.

Apenas gostaria de ressaltar que ela se organiza em torno de três grandes eixos que foram surgindo sequencialmente ao longo do tempo e que hoje caracterizam os três cursos que ele oferece na pós-graduação tanto do PPGE (economia) quanto do PEPI (economia política internacional) no IE-UFRJ. Notem que estes 3 eixos visam dar conta de 3 críticas , com as quais eu compartilhava, que Medeiros já apontava como pontos insatisfatórios no pensamento da Unicamp, desde que eu o conheci, a saber: 1) uma tendência dos nossos mestres Campineiros a minimizar a importância relativa do conflito distributivo em particular e da luta de classes em geral e focar demais a análise em possíveis conflitos entre os próprios capitalistas ; 2) uma redução relativa e a seu ver inapropriada da importância da restrição e condições externas na visão da UNICAMP em relação ao pensamento da CEPAL e 3) A ênfase excessiva, na tradição da UNICAMP no papel das empresas nacionais privadas (e até bancos privados) em contraposição ao papel direto do Estado no processo de geração de progresso técnico.

As pesquisas do primeiro eixo tratam dos determinantes da taxa de salários de base, da estrutura salarial e distribuição funcional da renda. Este era o tema da sua tese de doutorado da UNICAMP de 1993 orientada pela querida professora Maria da Conceição Tavares. Este tema reaparece no livro que publicou pelo IPEA em 2015, do qual recomendo particularmente do capítulo sobre os efeitos (aliás altamente positivos, como Medeiros argumentava há décadas) da política de elevação real do salário mínimo.

O segundo eixo trata das experiências comparadas de desenvolvimento econômico. Trata de crescimento e mudança estrutural numa visão de que o crescimento nas economias capitalistas é usualmente liderado pela demanda mas com frequência sujeito à restrição externa. Neste eixo utiliza o marco histórico estrutural da CEPAL em uma análise em que combina a abordagem do excedente com aspectos geopolíticos, essenciais no que diz respeito a inserção externa comercial e financeira dos países em desenvolvimento. Típicos de Medeiros nesta área são seus capítulos nos livros vermelhos editados pelo nosso grande José Luiz Fiori. E foram nos trabalhos relacionados a esses livros o diálogo com o Fiori sobre o papel do Poder e da geopolítica foi mais rico e profícuo (Posteriormente Fiori desenvolveu sua linha de pesquisa própria sobre Poder Global, cuja evolução foi muito bem descrita tanto pelo prof. Mauricio Metri quanto pelo próprio Fiori, em sua excelente fala, na ocasião de sua própria Emerência há poucas semanas atrás)

O terceiro eixo trata das complexas relações entre Estados e Mercados. Se no eixo anterior Medeiros dialoga criticamente com a economia do desenvolvimento, neste seu contraponto é com a história econômica e como a economia institucional tanta velha (heterodoxo) quanto o “novo” (neoclássica). Aqui não se trata apenas de ver o que o Estado faz no processo de desenvolvimento, mas sim como e porque o Estado faz (ou não faz, o que infelizmente é mais pertinente no caso brasileiro) algo. Bom exemplo de pesquisa dentro desse eixo são os trabalhos que tratam do progresso técnico como um empreendimento, com frequência militar, dos Estados Nacionais.

Estes três eixos principais do extenso programa de pesquisa de Medeiros correspondem aproximadamente também a temática de seus três cursos de pós graduação oferecidos no PPGE e no PEPI. Como pesquisador, Medeiros tem uma incomum capacidade de vasculhar uma vasta literatura sobre um destes muitos temas, literatura que aos menos perspicazes como eu como frequência não parece oferecer nada de muito relevante e encontrar nela aqui e ali fatos estilizados, relações causais, ideias e conceitos interessantes (outro amigo nosso, Sergio Cesaratto da Universidade de Siena, por exemplo, tem o mesmo tipo de capacidade).

Só que, no caso específico de Medeiros, é importante assinalar que isso com frequência cria um problema para seus leitores e alunos. Porque Medeiros de certa forma cita demais. Parece ter o mesmo defeito de David Ricardo. Adam Smith era notório por não citar muitas de suas principais fontes de inspiração (em particular Petty e os Fisiocratas dos quais faz uma caricatura, e sobretudo Turgot). Mas Ricardo tinha o defeito oposto. Ricardo cita muito a contribuição de Say e de Malthus, por exemplo. Mas quando vamos ler o que Say e Malthus realmente escreveram sempre é algo muito menos rigoroso e menos interessante do que Ricardo diz. A rigor Ricardo cita os autores que de certa forma inspiraram suas próprias ideias. Não sou exatamente um especialista em

Ricardo e pode até ser fácil contestar minha opinião neste caso. Mas sou especialista em Medeiros e garanto que ele faz a mesma coisa que atribuo a Ricardo aqui. Exemplos disso fáceis de reconhecer para quem conhece o trabalho de Medeiros seriam o modelo dos gansos voadores de Akamatsu sobre a industrialização Asiática, o qual o Medeiros critica e não adota, como pode parecer a algum desavisado, a noção de “Desenvolvimento a Convite” de alguns países durante a Guerra Fria (o conceito de Wallerstein era limitado a firmas) e também a ideia de que com frequência a internacionalização das grandes empresas de um país estimulada pelo Estado Desenvolvimentista acaba levando a conflitos entre o interesse destas e deste próprio Estado (aquí Rowthorn conclui que o Estado perde poder para o mercado, enquanto Medeiros sabe que o Estado perde poder para outro Estado). Em todos estes casos e vários outros a versão de Medeiros é no mínimo bem mais rica e interessante que a original, mas não é o que ele faz parecer.

Outra característica marcante de Medeiros é como ele se comunica bem com seus pares. Apesar de ser um praticamente de uma visão francamente minoritária mesmo entre a heterodoxia no Brasil, a economia política da abordagem do excedente e de, mesmo dentro desta abordagem, sempre seguir as conclusões para onde sua pesquisa leva, sem concessões a modismos ou qualquer ecletismo, por vários motivos, Medeiros consegue ser levado a sério de forma quase unânime, mesmo pelos que discordam dele. Isso provavelmente se deve a seu estilo pessoal discreto, assertivo sem ser agressivo e também sua capacidade ímpar de ouvir e dialogar. Mas creio que o principal é sua visão ampla e nada simplista dos processos sócio econômicos, facilmente reconhecida por todos os que o leem ou ouvem.

É curioso ver isso em seus seminários e apresentações. Estes são frequentados por pessoas de linhas de pesquisa e interesses diversos, enquanto hoje em dia a hiperespecialização e os conflitos entre diferentes abordagens e metodologias fazem com que nós todos cada vez mais frequentemos majoritariamente a nossa própria tribo. Medeiros é uma rara exceção a isto e suas apresentações sempre atraem um público muito diverso.

Outro exemplo disso é a quantidade de citações respeitadas que seus trabalhos recebem de autores dos quais discorda quase que completamente.

Uma última característica marcante do trabalho de Medeiros merece ser mencionada: sua impressionante regularidade. Medeiros produz continuamente e entrega trabalhos até antes do prazo para horror de colegas e coautores procrastinadores como eu. Mas o verdadeiro segredo disso está no fato de que Medeiros sabe que a pesquisa em si é contínua e que qualquer artigo, por melhor e mais completo que seja, nada mais é do que o relatório do ponto ao qual a pesquisa chegou naquele momento do tempo. Por isso, se vocês lerem um artigo do Medeiros e acharem que algum ponto ou aspecto não está plenamente desenvolvido, é só ler o seu próximo artigo, onde, mesmo que o foco deste trabalho seja outro certamente encontraremos observações mais desenvolvidas e amadurecidas sobre o tema do artigo anterior.

Concluo fazendo uma recomendação para os nossos alunos e jovens colegas de trabalho: leiam todos os textos do Medeiros, pesquisem como o Medeiros e também, por favor, entreguem no prazo combinado, como faz o Medeiros. Obrigado.